

Colaboração entre Instituições Teológicas e Educação Teológica Baseada na Igreja - Oportunidades e Desafios

Sobre levar a sério o Contexto e a Comunidade

Introdução

Há duas questões que precisam ser respondidas quando propomos uma educação teológica contextualizada apoiada por faculdades e seminários, a partir de uma perspectiva latino-americana. A primeira é como essa educação teológica, em particular uma Teologia Anglicana, pode estar verdadeiramente comprometida com o contexto econômico, político, social e cultural e religioso desta parte do globo? Em outras palavras, como a educação teológica baseada no contexto é realmente possível?

Mesmo depois de cinco décadas ou mais de Teologia da Libertação, e muitas outras teologias emergentes na América Latina e no Caribe (interconectadas com construções teológicas semelhantes em todo o mundo), a igreja em geral - e as igrejas da Comunhão Anglicana em particular - colocam muitas barreiras no caminho, que se originam em pressupostos coloniais, clericalistas, patriarcais e racistas. Na verdade, muitas vezes essas igrejas estão em aliança com os poderes dominantes e o sistema de lucro do capitalismo. Portanto, em vez disso, uma nova formação teológica emergente e contextual é necessária para servir as pessoas excluídas, marginalizadas e oprimidas, que vivem em nossa casa comum.

A segunda questão que precisa ser respondida é como um bom suporte acadêmico e recursos de seminários e faculdades devem ser colocados a disposição. Há uma questão epistemológica sobre o que é "acadêmico" dentro das estruturas dos seminários e faculdades. Se queremos uma formação teológica contextualizada, o "locus" dessa construção epistemológica acadêmica deve ser a vida dessas pessoas e de toda a criação, em vida ou morte, esperança ou frustração, inclusão ou exclusão, dignidade ou invisibilidade, integridade ou destruição. Os recursos não podem ser pensados e imaginados como parte das velhas estruturas de certas elites e seus 'conhecimentos', mas devem ser entendidos como espaços abertos, pontos de partida e locais de engajamento com uma grande diversidade de percepções, linguagens, espiritualidades, histórias, interpretações, práticas, etc.

Neste artigo quero apontar alguns passos dados nesse sentido, na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, e desenvolvidos em encontros promovidos pela CETALC-TEC (Comissão de Educação Teológica para a América Latina e Caribe da Igreja Episcopal). Mas também quero apontar as barreiras que ainda temos para a

conquista de uma nova formação teológica contextual baseada na experiência anglicana no contexto da América Latina.

Ensino e Aprendizagem no contexto

Um dos livros mais famosos do professor e teólogo brasileiro Paulo Freire é *Pedagogia do Oprimido*. Isso descreve uma construção opressora de conhecimento como “um ato de depositar, em que os estudantes são os depositários e o professor é o depositante”, onde “o professor emite comunicados e faz depósitos que os alunos pacientemente recebem, memorizam e repetem”. Freire chama isso de conceito 'bancário' de educação, em que tudo o que as/os estudantes fazem é “receber, arquivar e armazenar os depósitos” (FREIRE 2005, página 72).

Em vez disso, nas consultas da CETALC, foi acordado que a educação teológica deve capacitar estudantes e professoras/es a “saber saber”, “saber ser”, “saber fazer” e “saber conviver”. Não cabe a 'professora/or' dar o conteúdo e a verdade e ao 'estudante' incorporar essa verdade em seu conhecimento e prática, mas a/ao professora/or aprender com a/o estudante, na mediação de vidas e relacionamentos, sobre qualquer assunto. E as pessoas que aprendem ensinam por meio da estrutura epistemológica de seus próprios contextos e práticas.

O conteúdo tradicional da teologia e do conhecimento pastoral não deve ser estranho a este processo. Sua bagagem histórica deve ser avaliada criticamente à luz dos contextos, das relações, do diálogo, da desconstrução e da construção do ser humano que vive a Fé Cristã de forma comprometida e transformadora. A redescoberta permanente do sentido da Escritura, Tradição e Razão deve desempenhar seu papel. Em termos práticos, precisamos de menos tempo para “repassar” e mais tempo para “partilhar com”, nos nossos processos de ensino e aprendizagem. Mas não será fácil, porque nossas/os estudantes de teologia podem ter tido sua formação anterior, e até mesmo sua formação catequética no tipo de ensino “bancário”. Por isso, devemos investir na formação teológica preparatória das professoras/es, para que aprendam a aprender com as/os estudantes, e as/os estudantes precisam aprender a fazer avaliação crítica de seus contextos. A metodologia *Indaba*, utilizada na Conferência de Lambeth em 2008, pode ajudar nesse processo.

Maneiras práticas de avançar

Nas duas primeiras décadas do século XXI, e ainda antes, conquistamos uma nova visão da práxis em todos os níveis, a visão de uma “rede” mundial. Mas na educação teológica, apesar de muitos esforços, a formação ainda é percebida como localizada dentro do espaço restrito de nossas instituições e tradições (não necessariamente no mau sentido), sem uma práxis de cooperação coletiva que reconheça a diversidade. Não vemos as/os “outras/os”, especialmente as/os “menos desenvolvidos” ou as/os “da periferia” como fonte necessária de conhecimento. Este é especialmente o caso nos centros mais tradicionais de formação teológica. Mas, nos centros de formação menos tradicionais, essas pessoas são uma fonte obrigatória para a autoconstrução do conhecimento teológico, com novos pontos de partida e muitas questões diversas emergindo para novos atores e sujeitos de fé, vida e transformação.

A pandemia nos ensinou sobre o “distanciamento”. Por isso, é um contexto adequado para um avanço significativo. Temos fontes que tornam essa práxis possível mais do que nunca. Se entrarmos profundamente neste tipo de “teologia-descolonial-contextual-inclusiva-de rede”¹ (NOGUEIRA BAPTISTA, 2016, página 502) vamos encontrar muitas coisas para todos nós aprendermos. Esta nova abordagem não é um “projeto”, mas uma “proposta” e uma descoberta contínua de caminhos, propósitos, relações, fontes e ministérios. E a hora de começar é agora, porque nossa humanidade e nossa vida em nosso lar comum assim o exigem.

Nesta perspectiva, devemos ver nossa infraestrutura institucional e material como um espaço de construção de uma “comunidade teológica”, mais do que um “depósito teológico”, como um “espaço teológico de desconstrução e reconstrução” e não como uma fonte de “verdade teológica imperativa”. Esta nova práxis deve ter um método onde a comunidade seja tomada como um lugar (*'locus'*) onde a teologia emerge através das relações de comunhão (*Koinonia*).

Enfim, por isso é necessário entender as novas tecnologias digitais não como uma substituição do que aconteceu até agora, mas sim - e aqui devemos ser criativos - como oferecendo novas possibilidades para ampliar a capacidade comunitária de viver a fé cristã com compromisso vital com a vida do mundo (João 10:10).

Recursos bibliográficos

FREIRE, Paulo, *pedagogy of the oppressed*; traduzido por Myra Bergman Ramos. Nova York: The Continuum International Publishing, 2005.

NOGUEIRA BAPTISTA, Paulo Agostinho. *Pensamento decolonial, teologias pós-coloniais e teologia da libertação*. Em *Perspectivas Teológicas*, Belo Horizonte: FAJE, Vol. 48, No. 3, Set-Dez 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311850685_PENSAMENTO_DECOLONIAL_TEOLOGIAS_POS-COLONIAIS_E_TEOLOGIA_DA_LIBERTACAO. Acesso: 12 de janeiro de 2021.

¹ “Do ponto de vista do pensamento decolonial, há nas Teologias da Libertação posições que continuam a advogar a determinação econômica e concepções que afirmam a determinação cultural, mais próxima das concepções pós-coloniais, especialmente as teologias da libertação feminista, negra, queer. E também aquelas que buscam articulam essas determinações como pluralismo ecológico, religioso e outras mais. Essa diversidade é muito positiva e produz crescimento e autocrítica, ampliando os métodos e epistemologias, mas também suas produções teóricas e horizontes de “práxis”. Do ponto de vista teórico e prático, as teologias da Libertação continuam a ser a voz dos colonizados, produzindo sua teologia em conjunto e ao lado deles, mobilizando-se para enfrentar a colonialidade do poder, do ser, do conhecimento e da natureza. Os diversos pastoralistas e as comunidades eclesiais de base o demonstram”.